

Na cidade : 3 mezes, 500 reis. Fora da cidade : com acrescimo das estampilhas. Anuncios : na primeira vez 20 reis por linha. Na repetição 10 rs.

O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta folha, rua Nova de Sousa, n.º 45.

Direcção jornalística, rua das Aguas, n.º 84.

SEMANARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,
HABILITADO NA FÓRMA DA LEI.
PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 7.

SEXTA FEIRA 17 DE JULHO DE 1874.

ANNO I.

O BRADO LIBERAL.

A liberdade d'imprensa, instituição nobilissima do systema liberal, longe de despertar sentimentos briosos no coração dos fanaticos do absolutismo, parece que serve apenas para os nossos loucos adversarios insultarem a seu bel-prazer as instituições e a dynastia.

Estes reaccionarios, em cujas phalanges esplende um fraticida como Constante II, um infame como Pogonat, e uma fera como Tiberio III;

Estes negregados, que impallidecem de susto, quando contemplam deslumbrados a luz radiosa da liberdade;

Estes detractores, que brilham nas paginas fulgentissimas da historia, como nuvem negra em ceo purissimo;

Estes novos Torquemadas, que sorriem de menosprego como os antigos, perante os mais infames e horrendos supplicios;

Estes hypocritas, emfim, amnistiados pela mão possante da Liberdade, que podia arrojal-os ao monturo das cousas inuteis; apparecem ainda na arena jornalística, vomitando ondas aturadas a face do partido liberal que os tolera, só porque elle costuma saudar, entre sorrisos de muito amor e de muito affecto, um dia bello, formoso, esplendido — dia que é, para assim dizer, o da synthese da moral purissima do Divino Mestre!...

Isto é nojento; é ascoroso: — chega a ser até inqualificavel!

O *Futuro*, orgão da facção miguelista d'esta nossa Braga — o *Futuro*, folha redigida por homens inconscientes que o levaram ao banco dos reos — o *Futuro*, arvorado em representante d'uma seita cachetica, mergulhando-se nos mares da calumnia, e sacudindo a juba da maledicencia, negra como os antros inquisitoriaes; atira no seu n.º 189, publicado em

8 do corrente, ás faces do partido liberal com um acervo d'insultos, e com uma congerie de mentiras!...

Confiado na tolerancia, que é a base firme e o solido alicerce das instituições liberaes, precipita-se na arena jornalística, não franca e denodadamente como os antigos campeões dos tempos cavalleirescos, mas hypocrita, astucioso, repugnante, e supinamente velhaco, sem coragem para bradar affouto: — «A' lucta franca! Ao campo aberto!»

«Não aviveis odios! — brada o garulo inconsciente! — Não festejeis os vossos triumphos!» — grita o possesso medroso!...

Quem se lembra d'isso nos arraiaes da liberdade!

Nós não avivamos odios! não semeamos rancores! — Nós festejamos jubilosos o anniversario da nossa alforria politica, assim como a Igreja festeja, entre o estrondear de milhares de foguetes, a resurreição do Christo — a estrella luminosa do empyreo, que dissipára para sempre as trevas do passado — que pregára na sua missão terreal a doutrina sacrosancta da liberdade, da egualdade, e da fraternidade.

Nós saudamos o dia inicial da nossa liberdade, ultrajada pelo tyranno perjuro D. Miguel I, o violador do seu juramento de fidelidade em 26 de Fevereiro de 1828 á Carta Constitucional da monarcha, e ás augustas pessoas de D. Pedro IV e D. Maria II. — Nós saudamos o dia inicial da nossa ventura social, calcada aos pés pelo tyranno parricida D. Miguel I, o attentador em Villa-Franca, em 30 d'Abril de 1824, contra o throno e a vida de seu augusto pae D. João VI! — Nós saudamos o nosso amor, a nossa esperança, o nosso balsamo, a nossa redempção!

Nós saudamos o sol radioso da nova idea, grandiosa como a immen-

sidade do mar — immensa como a amplidão infinita do firmamento — bella e donairoza como o azul-claro que se arquea por sobre o mundo!

Fallaes do nosso dia entusiastico e de jubilo: e esqueceis o dia 22 de Fevereiro — o dia em que o vosso D. Miguel I, o symbolo mais hediondo do despótismo, desembarcára na capital, com a reserva no peito de supplantar a liberdade entre nós!

Quando Braga em 22 de Fevereiro de 1833, anniversario do famoso desembarque do vosso liberticida, se vestia de galas d'azul e vermelho como as vestes do carrasco, illuminando-se esplendidamente; quando os sinos repicavam festivalmente nas torres das igrejas em signal d'immensissima alegria vossa; quando os vivas multiplices ao despota irrompiam da bocca de mil fanaticos galvanizados para isso no recinto do confessionario, e do cimo dos pulpitos; nós, liberaes portuguezes, solitarios como as areas do deserto do Sahará, e tristes como os pincaros do Calvario, não moviamos os labios para vos insultar como vós merecieis: — erguimos condoidos para o ceo os olhos lacrymosos, e supplicavamos ao Deus da Liberdade: — «Perdoae-lhes, Senhor; porque elles não sabem o que fazem!»...

Nós celebramos as nossas festas a expensas dos nossos esforços — á custa do nosso patriotismo: — os vossos amnistiados impotentes nunca o fizeram assim. — Nesses tempos que saudaes, e ninguém vos tolhe saudar «á sombra da lei» que nos deveis, era tudo sustentado á custa dos cofres da Mitra, como hoje os festejos pontificios á custa dos cofres reaccionarios das Associações Catholicas.

E é o *Futuro*, o condemnado em 17 de Dezembro de 1873 — esse orgão impotente do miguelismo braguez — esse que tivera o arrójo que pagou, de

chamar *ladrões e profanadores* aos liberaes, arrójo que de certo não repetirá mais por ficar convencido da mentira que dissera — é o *Futuro* ainda hoje, o que se arrója meio encoberto a insultar o partido liberal!...

Ladrões — poderia chamar-se aos partidarios do retrocesso que não volta, esfacelado por nós em Évora-monte, quando, a despeito do protesto d'alguns conegos da sé de Braga, extorquiam centenas de contos que lhes não pertenciam!

Profanadores — quem mais que os asseclas do passado, que a Liberdade sumira para sempre na voragem dos tempos, perdoando-lhes a elles deprecantes os seus excessos e desvarios!

Que o digam os dias 18 e 29 de Janeiro de 1833 — dias aqui de lucto, de magua, e d'immensa dôr!

Nesses dias negregados, entrou um bando de sicarios miguelistas na cathedral bracarense, enramalhetados de laços azues e vermelhos, e cantarolando hosanas ao *rei-chegou* em destoadada berraria; e sem honra que não conhecia, sem brio que não tinha, sem pundonor que desprezava, e sem dignidade que escarnecia, ergueu a lousa sob que repousavam muitos ossos illustres, e dispersou por entre aquellas vetustas arcadas... o que? — as reliquias venerandas d'um S. Pedro de Rates, d'um S. Geraldo, d'um S. Ovidio!... Basta!

Um cofre primoroso d'ébano, obra esplendida e maravilhosa da arte, cofre que era alfaiá valiosa da sé primaz — elles — os grandes catholicos, os papistas fervorosos, os devotos por excellencia, metteram-no por engano debaixo do braço... e foram-se em busca de novos ideaes!...

E sois vós, ó impotentes que nós amnistiámos — sois vós os que appellidaes de vil o partido liberal?...

Vil poderia chamar-se ao vosso D. Miguel I, quando em 21 de Dezem-

FOLHETIM.

O CAMINHO DO DIABO.

~ Continuação do n.º 6. ~

III.

Não se atrevia Beppo a pedir a mão d'Hermengarda ao barão de Falkenstein.

Vinte vezes se tinha o cavalleiro encontrado com o pae d'Hermengarda: e vinte vezes lhe tinha expirado a palavra nos labios, apenas se achava na presença d'elle, cujo só aspecto o forçava ao silencio.

Um dia, ao estarem ambos junctos a uma janella, donde se descobriam as amplas planicies de Kronenberg, com o magico painel campestre que se desenrolava a seus pés; disse Beppo para o barão de Falkenstein:

«Eu sei, ó nobre castellão, que nenhum outro castello está tam bem situado como o vosso: mas custa muito a subir esta montanha!»

«E quem é, Beppo, que vos obriga a

«subil-a? — disse o castellão com a sua grosseria usual».

«E' Hermengarda, vossa filha primorosa. — E' a sua mão valiosissima, que eu confesso vos desejo pedir».

O barão de Falkenstein sorriu-se: — o que era signal manifesto de mau presagio.

Depois de breve pausa, disse para Beppo: «Cavalleiro, dou-vos a mão de minha filha, mas com uma condição».

«Acceito-a, qualquer que ella seja: — respondeu Beppo as castellão com anciedade vivissima».

«Pois bem, disse o barão de Falkenstein: «tereis a mão de minha filha, se esta noite — esta mesma noite — fizerdes abrir aqui na rocha um caminho desempêcido, por onde eu possa vir a cavallo á vontade até as portas do meu castello».

Dictas estas palavras, retirou-se o castellão bruscamente da sala, sorrindo-se de si para si, e deixando o infeliz Beppo lanceado d'espanto e de pesar.

IV.

Só a lembrança de tentar a empreza do caminho exigido, era de per si a mais reatada loucura. — No entanto, o extremo

Beppo desce ás planuras de Kronenberg: aproxima-se das minas de Sancta Margarida: e communica os seus desejos tresloucados ao velho mestre dos mineiros.

Este ancião, ao ouvi-lo, abana a cabeça grisalha, e responde-lhe absorto:

«Eu conheço estes rochedos como as minhas mãos. — Trescentos homens, que trabalhassem trescentos dias, não poderiam fazer-vos o que pretendeis. — E acediteis por ventura, que possa isto ultimar-se n'uma só noite?»...

A esperanza abandonou então o pobre cavalleiro Beppo. — Deixou-o exánime e irresoluto.

Assentou-se com tristeza profunda á entrada da mina: e lembrou-se de precipitar-se no abysmo, que se lhe abria diante dos olhos.

Embebecido inteiramente no pensamento da sua desgraça, permanecera immovel como se não tivera vida. — As horas corriam precipitadas umas sobre as outras. — A noite tinha-se tornado sombria e melancholica: o vento furioso assobiava lugubre; e redemoinhava altamente irrequieto na entrada da mina.

Beppo eleva por acaso os olhos ao ar, e vê diante de si um *homem agreste*, d'aspecto extranho, com o vestido, a alampada, e

a capa de mineiro. — Tinha a barba ruiva: e os olhos flammejavam-lhe d'um modo extraordinario.

«Cavalleiro! — disse o desconhecido para Beppo, aproximando-se d'elle. — Ouvi o que dissestes agora ao velho mestre mineiro. — Elle não sabe nada da sua profissão: mas eu — eu — prometto-vos levar a cabo o que elle nem sequer ousára tentar. — Querendo acceitar a minha oferta a trôco d'uma condição; á manhan de manhan trilhará o vosso cavallo o atalho aberto na rocha, andando-o com tanta commodidade como se caminhasse na estrada espaçosa de Wormes a Spira. — Se tu chegares a abrir esta estrada — disse Beppo ao desconhecido — será toda a minha fortuna: e tudo o que tu exigires de mim, seja o que quer que fór, eu to prometto com a minha palavra de cavalleiro».

«Acceito: respondeu immediatamente o mineiro desconhecido: — e desapareceu da vista de Beppo, que julgára ter elle descido á mina, a chamar os trabalhadores para darem o começo á obra».

(Concluirá)

bro de 1832, enquanto os seus asseclas pugnavam pela sua depravada causa perante as linhas invencíveis do Porto; elle — o rei zombeteiro — jogava no Bom Jesus do Monte o florete com o conde de Soure, a quem o rapazio quizera assassinar ás pedradas, por o conde fingir dar uma estocada no chefe do despotismo!

Isto — é que poderia dizer-se vilieza, indignidade, e baixeza; porque, em quanto elle, o perjuro e usurpador, ria ás gargalhadas diante dos garotos que o victoriavam, morriam os seus infelizes partidarios aos montões no assedio immortal do Porto!...

Não provoquês a nossa paciencia! — brada louco e destoado o impotente *Futuro*.

Por Deus! ó miserrimo dos miserrimos! guardae a vossa paciencia para as mansões tartareas, em que jaz a causa morta que não galvanisaes: encobri com os atavios da basofia a covardia risivel dos impotentes: descabellae-vos na imprensa, se o medo vos não tolhe a penna assoldada: arrojae-vos ao campo, se a paralyisa da vergonha vos não immobilisa as mãos para o trábucos.

Erguei-vos dos ataleiros do insulto: levantai-vos dos charcos da maledicencia!

Erguei-vos do lodo em que pleiteaes! — Simulae-vos forte: fingi-vos corajoso: apparetae-vos liberal por um momento!...

Não provoquês a nossa paciencia!... — dizies vós, órgão desbrioso do passado...

Que é precioso fazermos, para vos chamar á vida dos nobres e honrados? — Que resposta mais franca e leal, mais sincera e convicta, quereis vós que dêmos á vossa provocação?...

Fique certo o *Futuro*, que havemos de saudar SEMPRE o dia 8 de Julho, como a estrophe mais bella, mais grandiosa, mais energica, mais completa, da grande epopeia da nossa Liberdade!

Salvè! dia 8 de Julho, dia heroico e magnanimo, dia sacro-sancto nos annaes da nossa historia!

Quando o Eterno trouxera a tua alvorada a este nosso Portugal, as nossas mães, as nossas esposas, as nossas irmãs, os nossos paes, os nossos irmãos, os nossos amigos, estremearam de jubilo fervoroso; porque tu eras a aurora esplendente, que vinhas illuminar as solidões do nosso coração algemado! — E algemado por quem? — pelos que foram amnistiados por nós em excesso de commiserção, ingratos ainda por cima por lhes darmos patria e lhes concedermos vida! — pelos que foram impotentes diante de nós, e que dizem não lhes provoquemos a paciencia, e fogem de se arrojar á liça com o arremettimento do leão, declarando-os nós por quites d'essa paciencia que phantasiavam!...

Salvè, dia 8 de Julho! — Dia 8 de Julho, salvè!

D. MANUEL DE LA CONCHA.

~ Continuação do n.º 6. ~

Em 1835 tinha-se distinguido D. Manuel de la Concha em Orbiro e na ponte d'Arquijas: mas excedeu-se especialmente em Lárraga como chefe d'estado-maior do general Carrera. — Attacára-o então Zumála-Cárregui com mais forças que as da sua divisão, e em terreno desvantajoso para os liberaes: e Concha soube evitar o perigo imminente, sustentando com vigor e denodo o ataque, para as suas tropas passarem a ponte. — Chegando a vez á sua forca, colloca-se a cavallo em frente da ponte — anima os soldados com a voz e o

exemplo — e não abandona o seu posto até a retirada dos carlistas. — O general em chefe soube apreciar condignamente a galhardia do intrepido athleta da liberdade.

Com estes preludios galhardos, foi que D. Manuel de la Concha fzeira o que fez em Arroniz como anjo da victoria.

Achou-se depois em outras acções disputadas, onde sempre se tomára notavel. — Em Belascoain immortalisou-se em passar a nado com os soldados a corrente impetuosa do rio, animando-os a sobreporem as cartucheiras nas mochilas, e a servirem-se das armas brancas. — N'este passo d'arrojado esforço teve a fortuna de não ser dos arrastados pela corrente: e dicto e feito, apoderou-se heroicamente do reducto e das posições dos carlistas, acossando-os e destruindo-os á bayoneta. — Tributo Leão os merecidos reconhecimentos a Concha, a quem foi então concedida a cruz de S. Fernando de 2.ª classe, ainda que em juizo contradictorio, com o accesso ao posto de coronel d'infanteria.

Pelejou depois em Peñacerrada, Braza, altura do Perdon, e sobre Sesma e Arroniz: e foi promovido a brigadeiro em 1839. — Bateu-se de novo em Braza, Villatuerta, Morentin, Alberin, ponte de Muniaín, Allo, Los Arcos, Arroniz, e Barbarin. — N'estas ultimas posições, oppondo-se com 10 companhias apenas a 3 batalhões do cabecilha Elío, viu-se em perigo imminente para si e para os seus. — Mandou então que umas bandeiras da frente se adiantassem até os guerrilhas, e collocando-se denodado adiante da sua pouca gente, diz-lhe com intimativa e effervescencia: — «Soldados! ali estão as nossas bandeiras!» — Foi isto o bastante para os seus soldados se arrojamem como leões contra os carlistas, e serem-lhes tomadas as suas posições com o seu destroço. — As 10 companhias tiveram umas 200 baixas: e Concha ganhou outra cruz de S. Fernando de 3.ª classe.

Em 15 de Julho de 1839 bateu-se em Solana: em 18 d'Agosto em Allo e Dicastillo: em 23 e 24 em Giranqui e Mañeru, assim como egualmente em 13 de Setembro, feito já o convenio do porto de Velate.

(Concluirá).

QUERELA DO FUTURO.

No dia 15 de Julho de 1874 completaram-se 3 annos que fôra querrelado aqui em Braga o jornal reaccionario o *Futuro*, pelo attentado d'ultrages e vilipendios, insultos e improperios, á saudosa memoria do rei-soldado D. Pedro IV, o dador da Carta Constitucional da monarchia, e o libertador de Portugal das garras da usurpação miguelista — usurpação consumada pelo tyranno D. Miguel I como perjuro do seu juramento solemne de 26 de Fevereiro de 1828, e confirmada em 30 de Junho do mesmo anno em «Assento dos Tres Estados do reino», convocando-os illegalmente «para isso» o mesmo usurpador em 3 de Maio do mesmo anno.

Promoveu aqui esta querela o delegado do procurador regio o exm.º Bento José Pinto da Motta, sendo juiz de direito da comarca o exm.º Francisco Manuel da Fonseca e Castro. O editor pronunciado foi o sr. Manuel Dias Ferreira d'Araujo, do logar de Souto-Chão da freguezia de S. Pedro de Maximinos d'esta cidade, então regedor da parochia da mesma freguezia, nomeado pelo administrador d'este concelho de Braga ainda em exercicio o exm.º Augusto Pimentel.

O juiz que pronuciára o reo, no

impedimento do effectivo, foi o exm.º Francisco de Campos d'Asevedo Soares, chefe do partido historico bracarense, e illustração respeitavel d'esta provincia do Minho.

Em 17 de Dezembro de 1873 foi este órgão da reacção liberticida condemnado por esses ultrages e vilipendios, impondo-se-lhe a pena de 3 mezes de prisão correccional na pessoa do seu editor, a multa correspondente na razão de 200 reis diarios, e as custas e sellos do processo.

O jury condemnador do *Futuro* compunha-se dos vogaes seguintes:

Dr. Manuel José Leite Braga, advogado nos auditorios d'esta cidade.

Dr. João Carlos Pereira Lobato, secretario geral outr'ora do govêrno-civil d'este districto.

Dr. Antonio José Pimenta Gonçalves, advogado nos auditorios d'esta cidade.

José Fernandes Guimarães, negociante n'esta cidade.

João Baptista Gomes Ferreira, negociante n'esta cidade.

Francisco José Vieira da Silva Carvalho, ourives n'esta cidade.

Manuel Lopes Monteiro, empregado na repartição de fazenda d'este districto.

Francisco de Sousa Sotto-maior Pizarro, empregado no govêrno civil d'este districto.

João da Costa Palmeira, capitalista n'esta cidade.

A condemnação d'esta folha reaccionaria só teve apenas um voto d'encontro: foi o do sr. João Baptista Gomes Ferreira, o unico a não dar os ultrages e vilipendios por provados, apesar do reo haver confessado explicitamente esses attentados incriminados!

Correu o processo no cartorio do sr. Antonio Carlos d'Araujo Motta, escrivão de direito n'esta comarca de Braga, e um dos 7:500 heroes do Mindello, onde desembarcára em 8 de Julho de 1832 no batalhão de voluntarios da rainha D. Maria II.

O juiz da audiencia do julgamento foi o exm.º Ayres Frederico de Castro e Solla, julgador imparcial e recto, respeitavel e respeitado, e mantenedor consciencioso da sua dignidade funcionaria appellando sempre para a força respeitosa do seu cargo honroso, e nunca para a força coerciva das bayonetas amedrontadoras.

O advogado defensor do jornal querrelado foi o exm.º Carlos Zepherino Pinto Coelho, orador consummado na tela judiciaria, e nas lides parlamentares, e membro d'elevada posição no partido amnistiado d'Evora-monte.

O delegado accusador do *Futuro* foi o exm.º Augusto José Pereira Leite, que supplantou triumphantemente os vãos oratorios do exm.º Pinto Coelho, pulverisando-lhe um por um os assertos da sua oração defensora, e esfacelando-lhe todos os seus atavios exornatorios: — coroando tudo gloriosamente com lhe murchar na séde ferrenha do retrocesso — no foco permanente da reacção liberticida — todos os seus loiros d'orador consummado que é.

ELEIÇÕES.

Teve logar no circulo eleitoral d'esta cidade, no domingo 12 do corrente, a nomeação official do deputado governamental o exm.º Thomaz Ribeiro, oriundo de Parada de Gonta no concelho da Tondella do districto de Viseu.

O desanimo dos eleitores não podia ser maior do que foi. — Para se constituirem as mezas das assembleas; e cahirem nas urnas votos que se vissem; foi mister andarem n'uma azáfama os agentes das auctoridades.

— A não ser assim, ficariam desertas as mesmas assembleas.

O illustre nomeado é o auctor distincto do *D. Jayme* e da *Delphina do Mal*, assim como dos *Sons que Passam*, e outros escriptos poeticos de nomeada entre nós.

Nas assembleas eleitoraes d'esta cidade — sé primaz, igreja dos Congregados, e igreja de Maximinos — não viu alguém nas portas d'entrada o resultado das votações de cada uma d'ellas, conforme está ordenado na lei respectiva. — N'outras mais aconteceu o mesino.

O modo como correu fria e desanimada a nomeação official do illustre poeta eleito, não póde ser nada lisonjeira para o nosso dilecto das musas, que sem duvida a não aceitará por isso ao bracarense.

Oxalá que esta recusa plausibilissima venha a servir de lição para o futuro nas lides eleitoraes d'esta capital do Minho!

O PADRE CASALVASCO.

Acha-se na cadeia de Vizeu, removido da cadeia de Celorico da Beira, o Reverendo Antonio Casalvasco.

Este ministro do Martyr Augusto do Gógotha deu motivos a «tres querellas» contra si, em virtude do seu proceder destoado da lei: — do que d'antes os Padres costumavam escapar-se facilmente com o seu «fôro privativo».

Hoje é igual a lei para todos no regimen da liberdade — regimen contra que os morcegos de sachristia, deshonoradores da classe clerical, debalde se arremettam á sombra da religião, enfileirando-se nos campos do miguelismo e do carlismo.

FASTOS HISTÓRICOS MODERNOS.

Mez de Julho.

Dia 14. — Entrada solemne do archiduque Carlos d'Austria, pretendente á coroa d'Hispanha, na cidade de Saragoça na direita do Ebro, em 1706 n'este dia.

— Direcção das Aguas-Livres de Lisboa n'este dia em 1777.

— Combate de Castrejón em 1812 n'este dia na guerra peninsular.

— Celebração de paz entre a Inglaterra, a Russia e a Suecia, n'este dia em 1812.

Dia 19. — Victoria naval da esquadra portugueza contra a dos turcos nos mares de Matapão n'este dia em 1717: — indo a nossa armada em socorro da ilha de Corfú sitiada dos mesmos turcos, a solicitação do Papa Clemente XI a el-rei D. João V, e tendo partido segunda vez de Lisboa a 28 d'Abril do mesmo anno.

— Combate do Caniçal n'este dia em 1812 na guerra peninsular.

— Declaração da independencia da republica de Buenos-Ayres na America n'este dia em 1816.

— Calmaria espantosa em nosso paiz em 1824 n'este dia.

— Execução em Lisboa de 9 estudantes da Universidade de Coimbra n'este dia em 1828, como criminosos no assassinato de 2 lentes da mesma universidade adiante de Condeixa: — facto sanguinario, a que estivera presente com um seu tio o exm.º Manuel Falcão Cotta de Menezes d'esta cidade, indo ambos egualmente na comitiva, com o fim de felicitação a D. Miguel I por assumir o sceptro usurpado á rainha D. Maria II.

Dia 20. — Capitulação de Baylen na Andalusia em 1808 n'este dia, tendo os hispanhoes surprehendido o general francez Dupont.

— Combate d'Escalona em Hispanha em 1809 n'este dia na guerra peninsular.

— Tractado d'alliança entre a Russia e a Hispanha em 1812 n'este dia.

Dia 21. — Erección do seminario patriarchal de Lisboa pela Bulla *Divini Praeceptoris* do Papa Benedicto XIV, a instancias d'el-rei D. João V, em 1741 n'este dia: — assignando-lhe o Pontifice, alem